

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 010 17/03/2008 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (17/03/08)

GRÃOS (Preço líquido pago ao produtor)
 Feijão Carioca¹ - R\$ 160,00-185,00 / sc de 60 kg
 Milho² - R\$ 23,00 / sc de 60 kg
 Soja² - R\$ 43,00 / sc de 60 kg

HORTALIÇAS³ (Preço líquido pago ao produtor)
 Alface - R\$ 10,00 / cx de 7 kg
 Beterraba - R\$ 20,00/ cx 20 kg
 Cenoura - R\$ 10,00 / cx 20 kg
 Chuchu - R\$ 9,00 / cx 20 kg
 Couve Manteiga - R\$ 0,70 / (maço 500 g)
 Couve Flor - R\$ 28,00 / Dz
 Mandioca - R\$ 9,00 / cx 20 kg
 Morango - R\$ xxxx / caixa (04 cumbucas de 350 g)
 Pimentão - Campo R\$ 13,00; Estufa R\$ 15,00 / cx 12 kg
 Quiabo - R\$ 9,00 / cx 12 a 14 kg
 Repolho - R\$ 10,00 / sc 20 kg
 Tomate - R\$ 33,00 / cx 20 kg

FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)
 Goiaba - R\$ 20,00/ cx 20 kg
 Maracujá - R\$ 1,10 / kg
 Tangerina Ponkan - R\$ 18,00 / cx 20 kg
 Limão - R\$ 7,00 / cx 20 kg

PECUÁRIA

Bovino
 Arroba⁴ - R\$ 66,00 **Não Rastreado** e R\$ xxx **Rastreado**
 Bezerra 8 a 12 meses (nelore ou anelados)⁵
 - R\$ 450,00 a 460,00

Leite
 Litro⁶ - Latão: R\$ --- ; Tanque: R\$ 0,70

Suíno⁷ - Vivo
 Kg - R\$ 2,85

Aves⁷ - Frango Vivo
 Kg - R\$ 1,61
 -- Galinha Caipira⁸
 Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 18,00

Carneiro⁹
 Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha
 e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80

Peixe¹⁰ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)
 Kg - R\$ 2,40

Avestruz¹¹ - vivo
 Kg - R\$ 4,00 a 5,00

Recortes

Exportações do campo somam US\$ 60 bilhões
 Indiferentes à instabilidade financeira trazida pela crise das hipotecas nos Estados Unidos, as commodities se mantiveram com forte valorização nas principais Bolsas de negociações pelo mundo até o mês passado. Com isso, o Brasil, um dos principais fornecedores de produtos agropecuários ao mercado internacional, atingiu o recorde de US\$ 60,2 bilhões nas exportações acumuladas do setor em 12 meses até fevereiro. Esse recorde vem mais pela valorização dos produtos do que pelo volume exportado. Segundo o Ministério da Agricultura, só nos dois primeiros meses do ano o agronegócio acumulou receitas de US\$ 9,1 bilhões, com alta de 25% em relação a igual período de 2007.

Fonte: Folha de São Paulo

Suplemento mineral está 60% mais caro

A briga entre a pecuária e a agricultura, que já ocorria na área disponível para a atividade, agora se intensifica nos insumos. O produtor está pagando mais caro pela alimentação - não só porque os grãos estão mais caros, mas também porque a maior demanda por ácido fosfórico para a indústria de fertilizantes fez aumentar o preço do fosfato bicálcio - matéria-prima para a suplementação mineral. Resultado: nesta disputa, tem indústria de suplementação em férias coletivas por falta de matéria-prima. E, para o pecuarista, isso significou pagar mais pelo pouco suplemento disponível, reduzindo seu poder de compra.

Fonte: Gazeta Mercantil

Criador de ave e suíno pode comprar mais

Os produtores de aves e suínos recuperaram o poder de compra no mês de março. A colheita dos grãos reduziu os custos dos insumos. Com isso, neste mês, um quilo de animal vivo está comprando mais milho e farelo de soja - base da alimentação destes animais. Segundo levantamento do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea/USP), a melhora da relação de troca foi de 6,1% para o milho e 5,8% para o farelo de soja, no caso das aves, e de 4% e 3,75%, respectivamente, para os suínos. A perspectiva é que, no decorrer do ano, no entanto, esta relação possa piorar, sobretudo, para o frango.

Fonte: Gazeta Mercantil

União Européia libera importações de mel brasileiro

A União Européia (UE) decidiu, por unanimidade, reabilitar as importações do mel brasileiro, informou há pouco o Ministério da Agricultura, após uma reunião com técnicos do Serviço de Alimentação e Veterinária (FVO) do bloco econômico. A medida é o principal resultado de uma missão de funcionários europeus que esteve no Brasil averiguando o sistema brasileiro de controle de resíduos e contaminantes em produtos de origem animal.

Lucros ambientais

HÁ CERCA de 20 anos, fiz uma viagem à Suécia, para conhecer seu cooperativismo e sua agricultura, atividade difícil em razão do clima que impõe apenas seis ou sete meses por ano para as operações, do plantio à colheita.

Quase todas as fazendas possuíam uma pequena área florestada. Quando começava a nevar, já em novembro, o agricultor ia até sua mata, cortava um número x de árvores, removia-as para a sede e passava o inverno trabalhando a madeira, serrando, aparando, fazendo tábuas, vigotas, peças para móveis etc.

Quando a primavera dava seus primeiros sinais, ele vendia a madeira preparada e plantava, na mata, o mesmo número x de árvores que havia cortado.

Interessado nesse trabalho, perguntei a um fazendeiro quem fiscalizava isso. E ele, estranhando a pergunta: "Fiscalizar o quê?".

Respondi imediatamente: "Quem fiscalizava o fato de ele repor as árvores que tinha cortado". No mesmo instante me dei conta da estupidez da pergunta e da distância oceânica que nos separava, culturalmente.

Claro, a floresta era uma atividade econômica para ele, uma atividade produtiva rural, como os grãos que semearia na primavera. E, ainda por cima, fazia uma contribuição positiva -e voluntária- em defesa do ambiente, mormente considerando que a mudinha plantada demoraria uns 40 anos para ser colhida! Só na outra geração! Mas calou fundo a idéia de eco-eco, ecologia com economia.

Anos mais tarde, em visita a uma fazendinha na Holanda, mês de março, primavera começando, reparei que, no pequeno gramado em frente à casa, aparado na véspera, havia três estacas fincadas, em torno das quais, em um diâmetro de 50 cm/60 cm, a grama não havia sido cortada.

Questionado sobre o porquê daquilo, o agricultor me contou que naquela área havia um bulbo que na primavera brotava, produzindo flores que estavam em extinção na região, e ele recebia uma subvenção para preservá-las. Por isso não cortava o gramado ali, com medo de cortar pequenas folhas que por acaso já estivessem nascendo.

De novo me encantou o modelo: lá, dão um prêmio para quem preserva; aqui, uma multa para quem não preserva. Lá, o positivismo; aqui, o negativismo.

Ambas essas histórias poderiam servir de motivação nas nossas intermináveis discussões sobre o tamanho da reserva legal, sobre a APP (área de preservação permanente) fazer parte da reserva legal, sobre a compensação de áreas fora do perímetro da fazenda, sobre exploração sustentada da reserva legal e, eventualmente, até da APP, e assim por diante.

Deveríamos construir um modelo de florestamento com essa visão positiva que incorpore o tema da economia no processo florestal produtivo, mesmo que essa não seja a principal atividade na propriedade rural.

O agricultor precisa ser estimulado a cuidar do ambiente, para além da questão cultural e/ou educacional.

Ecologia pode e deve dar lucro. Já existem instituições que cuidam da prestação de serviços ambientais e resolvem isso, inclusive com remuneração por meio de CDM.

Da mesma forma, já existem modelos de certificação da madeira produzida com esse tipo de exploração sustentada. E não é só: as produções de plantas medicinais, aromáticas, ornamentais são outras atividades em florestas plantadas, especialmente quando as árvores são nativas da região.

Plantar florestas, mesmo como atividade secundária na fazenda, pode dar dinheiro, deve dar dinheiro. E a contribuição ambiental virá muito mais expressiva.

ROBERTO RODRIGUES, coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp e professor do Departamento de Economia Rural da Unesp - Jaboticabal, foi ministro da Agricultura. Escreve aos sábados, a cada 15 dias, nesta coluna.

Fonte : Folha de S. Paulo